

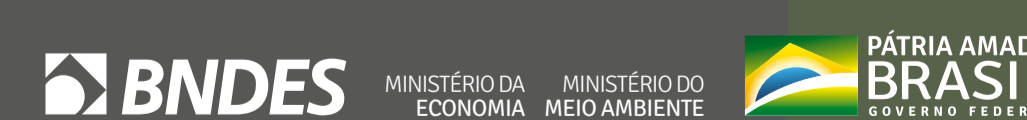
CUIDANDO DO NOSSO BEM VIVER



realização



apoio



organização e edição de textos: Denise Fajardo e Cecília de Santarém
colaboração: Francisco Paes e Nacip Mahmud Láuar Neto
fotos: acervo do Iepé e da Funai
projeto gráfico: Renata Alves de Souza | Tipográfico Comunicação

NOSSAS TERRAS INDÍGENAS

PARQUE DO TUMUCUMAQUE E RIO PARU D'ESTE

Lado Oeste

MUNICÍPIOS DO PARÁ
Oriximiná / Óbidos /
Almeirim / Alenquer /
Monte Alegre

MUNICÍPIOS DO AMAPÁ
Laranjal do Jari

SUPERFÍCIE (HA)
3.071.067

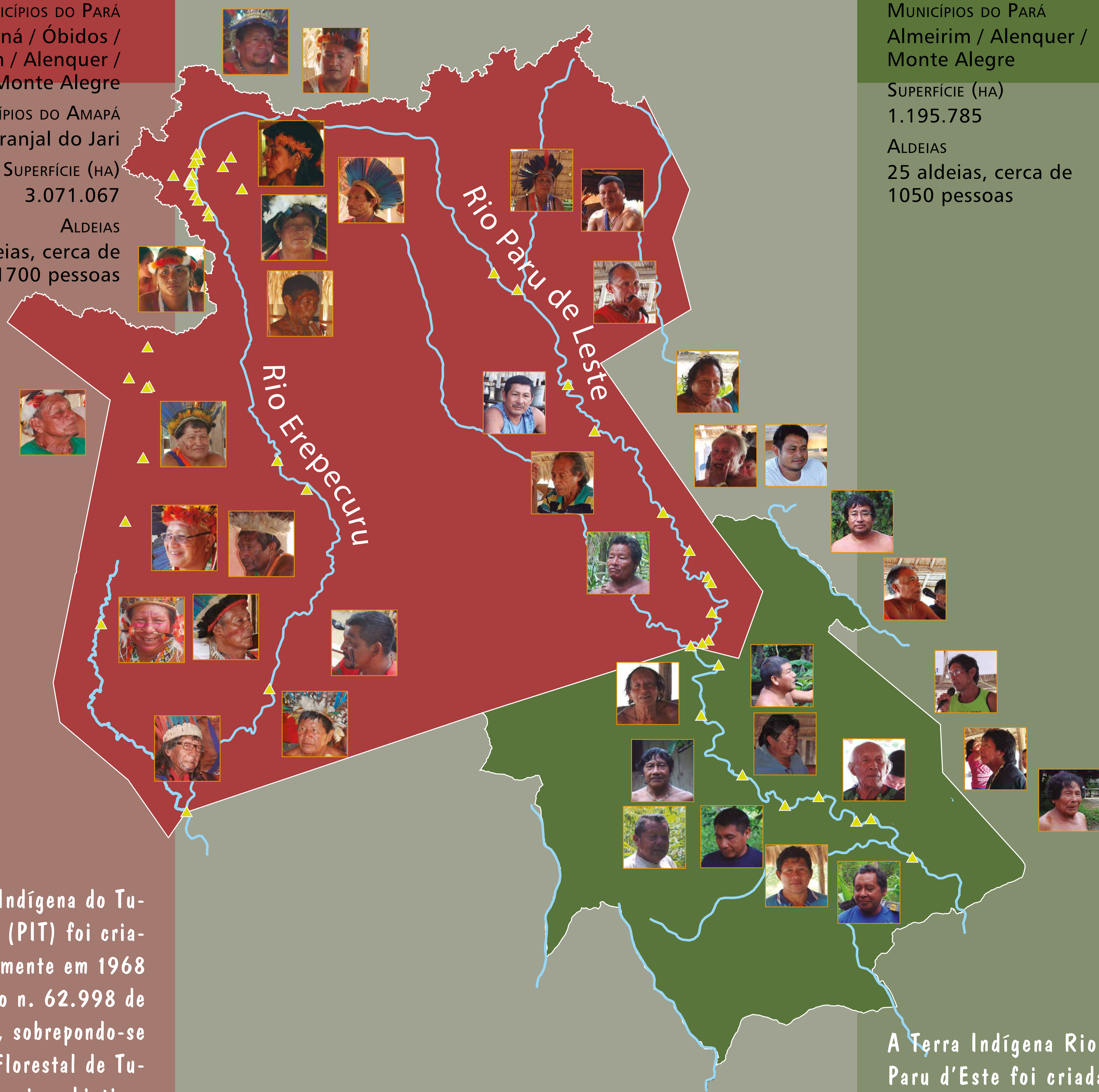
ALDEIAS
38 aldeias, cerca de
1700 pessoas

Lado Leste

MUNICÍPIOS DO PARÁ
Almeirim / Alenquer /
Monte Alegre

SUPERFÍCIE (HA)
1.195.785

ALDEIAS
25 aldeias, cerca de
1050 pessoas



O Parque Indígena do Tumucumaque (PIT) foi criado originalmente em 1968 pelo Decreto n. 62.998 de 16/07/1968, sobrepondo-se à Reserva Florestal de Tumucumaque, cujos objetivos originais eram de se tornar um parque de visitação pública. Seus limites foram duas vezes redefinidos, sendo a primeira vez através do Decreto n. 63.369 de 08/10/1968 e depois pelo Decreto n. 81.335 de 13/02/1978. Em 1997, ocorreram a demarcação e a homologação do PIT, alterando seu nome para Terra Indígena Parque do Tumucumaque (Decreto s/n. DOU 04/11/97).

As Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este compreendem o que chamamos de "Complexo Tumucumaque", em uma área contígua de 4,2 milhões de hectares situada, em sua maior parte, no Estado do Pará, na região em que o Brasil faz fronteira com o Suriname e a Guiana Francesa, com uma pequena faixa no estado do Amapá. Ambas as Terras Indígenas foram homologadas em 1997 e estão inseridas no maior corredor de áreas protegidas do mundo, cujos limites se estendem da costa atlântica do Amapá até a bacia do Rio Negro, já no estado do Amazonas.

A Terra Indígena Rio Paru d'Este foi criada para atender as populações indígenas que se encontravam ao sul do PIT, fora de seus limites. No princípio, seria chamada Área Indígena Paru de Leste (Portaria n.1.768 de 24/09/1984). Ela foi identificada e delimitada pelo Decreto n. 958/93 de 04/02/1991. Sua demarcação e homologação ocorreram de forma concomitante à da TI Parque do Tumucumaque (Decreto s/n. DOU 04/11/97).

CUIDANDO DO NOSSO

BEM  VIVER

QUEM SOMOS



Tiriyó é o nome que o Branco nos deu. Na nossa língua, a gente se chama de Tarëno. Os Tarëno são muitos: Pïrouyana, Aramayana, Okomoyana, Sakëta, Maraso, Akuriyó, Piyanakoto e outros. Todos hoje chamados de Tiriyó, mas somos todos Tarëno: "ainya Tarënoton", assim é que a gente fala na nossa língua mesmo.

Lideranças e jovens participantes da formação em Gestão Ambiental e Territorial Tumucumaque Lado Oeste

Somos muitos povos diferentes, que habitamos as Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este, demarcadas em homologadas desde 1997.

Estamos na fronteira do Brasil com o Suriname.

Durante muito tempo, os nossos nomes também foram modificados ou escondidos no contato com os karaiwa (não indígenas), mas somos muitos povos indígenas em um lugar só: Tiriyó, Katxuyana, Wayana, Apalai, Akuriyó, Txikiyana, Wajãpi, dentre outros yana e povos isolados.

Atualmente, somos cerca de 1700 pessoas vivendo na região dos rios Paru de Oeste e Marapi, em 38 aldeias, e 1050 pessoas vivendo no rio Paru de Leste, em 25 aldeias.

Falamos as línguas tiriyó, katxuyana, tixikiyana, wayana, aparai, wajãpi.

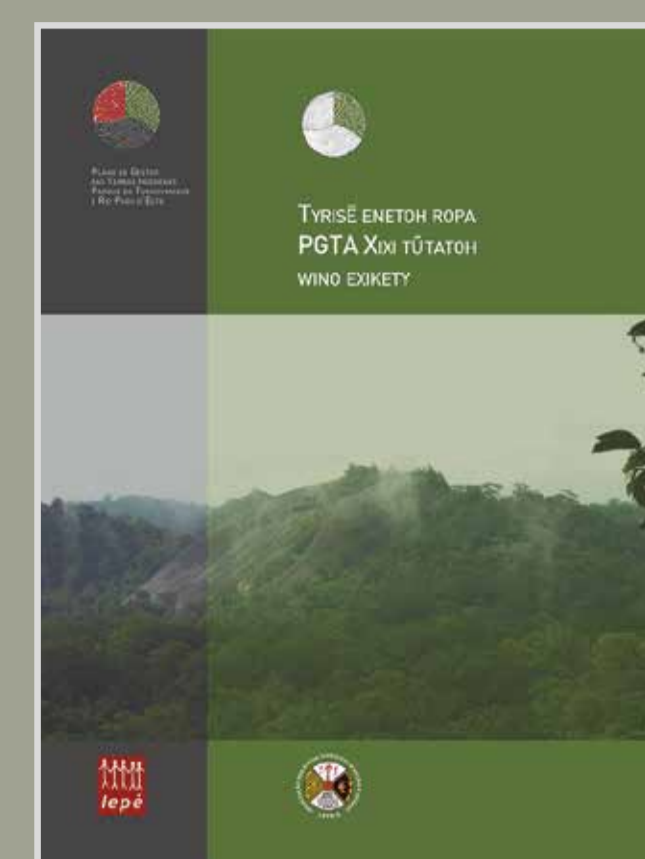
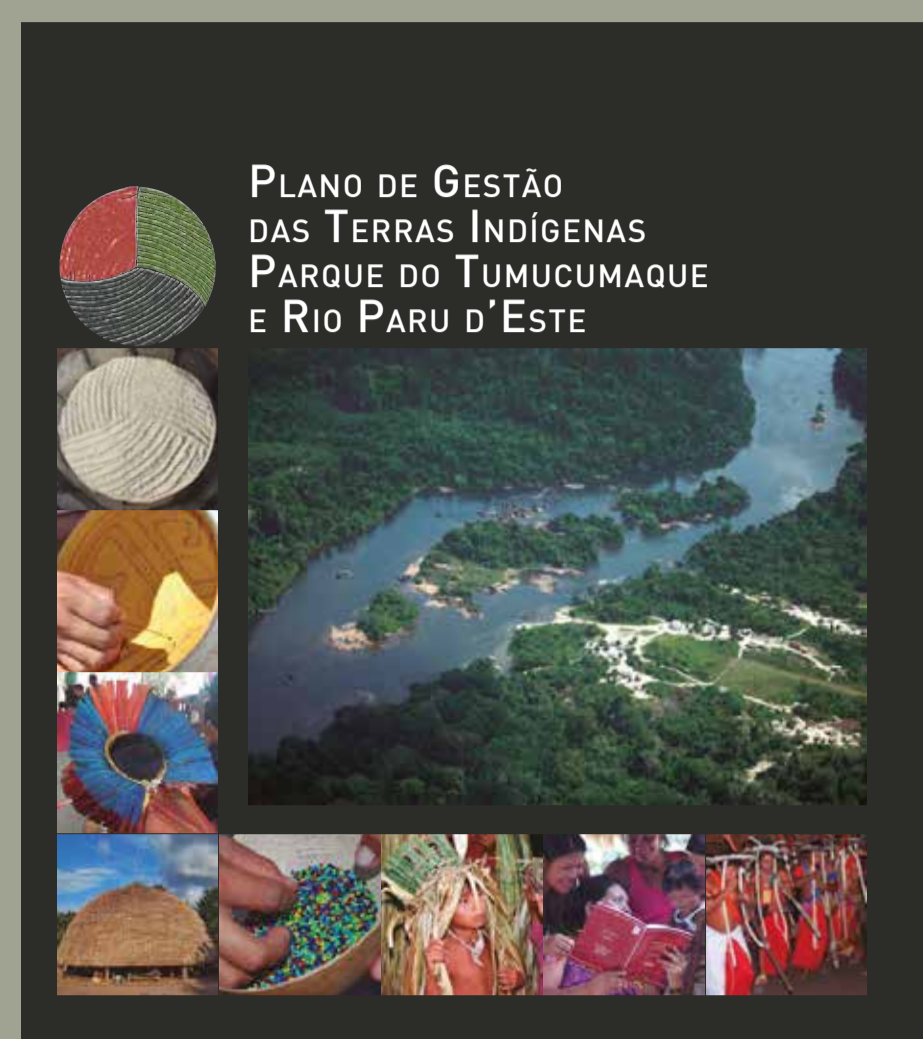
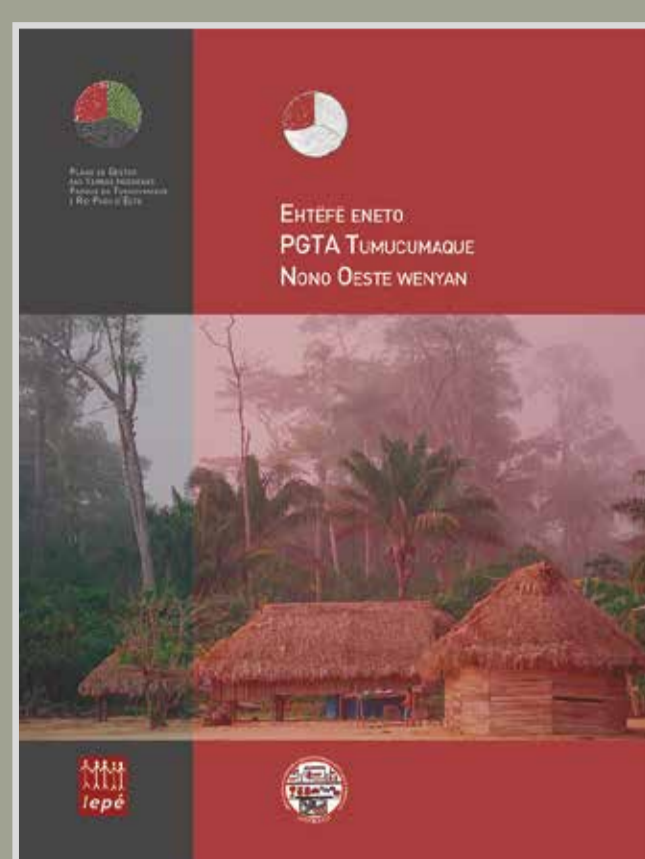
Nós somos daqui do Paru de Leste, Wayana, Aparai, Tiriyó, Katxuyana, vivemos no Parque do Tumucumaque.

Lideranças e jovens participantes da formação em Gestão Ambiental e Territorial Tumucumaque Lado Leste

CUIDANDO DO NOSSO

BEM VIVER

A IMPORTÂNCIA DO PGTA



Nosso PGTA é como uma árvore: os eixos são o tronco, e as ações são os galhos. Tem galho que é proteção territorial, galho que é governança, galho que é a formação de jovens e lideranças. Cada jovem interessado em cuidar da terra é fruto dessa árvore.

Aventino Nakai Kaxuyana
Tiriyó
Jovem participante da
Formação em Gestão
Territorial e Ambiental
e presidente da APITIKATXI
– Associação dos Povos
Indígenas Tiriyó, Kaxuyana
e Txikiyan
Lado Oeste



Para nós isso é importante porque aprendemos como proteger nosso território, nossa terra demarcada. E também para fortalecer os jovens na defesa de sua terra, para que futuramente eles saibam também como fazer esse tipo de política. Também para não perdermos nossa cultura e nossos costumes. Também fizemos esse PGTA para os governos, os políticos, entendam que nós existimos e vivemos no Rio Paru. É por isso que o PGTA é importante.

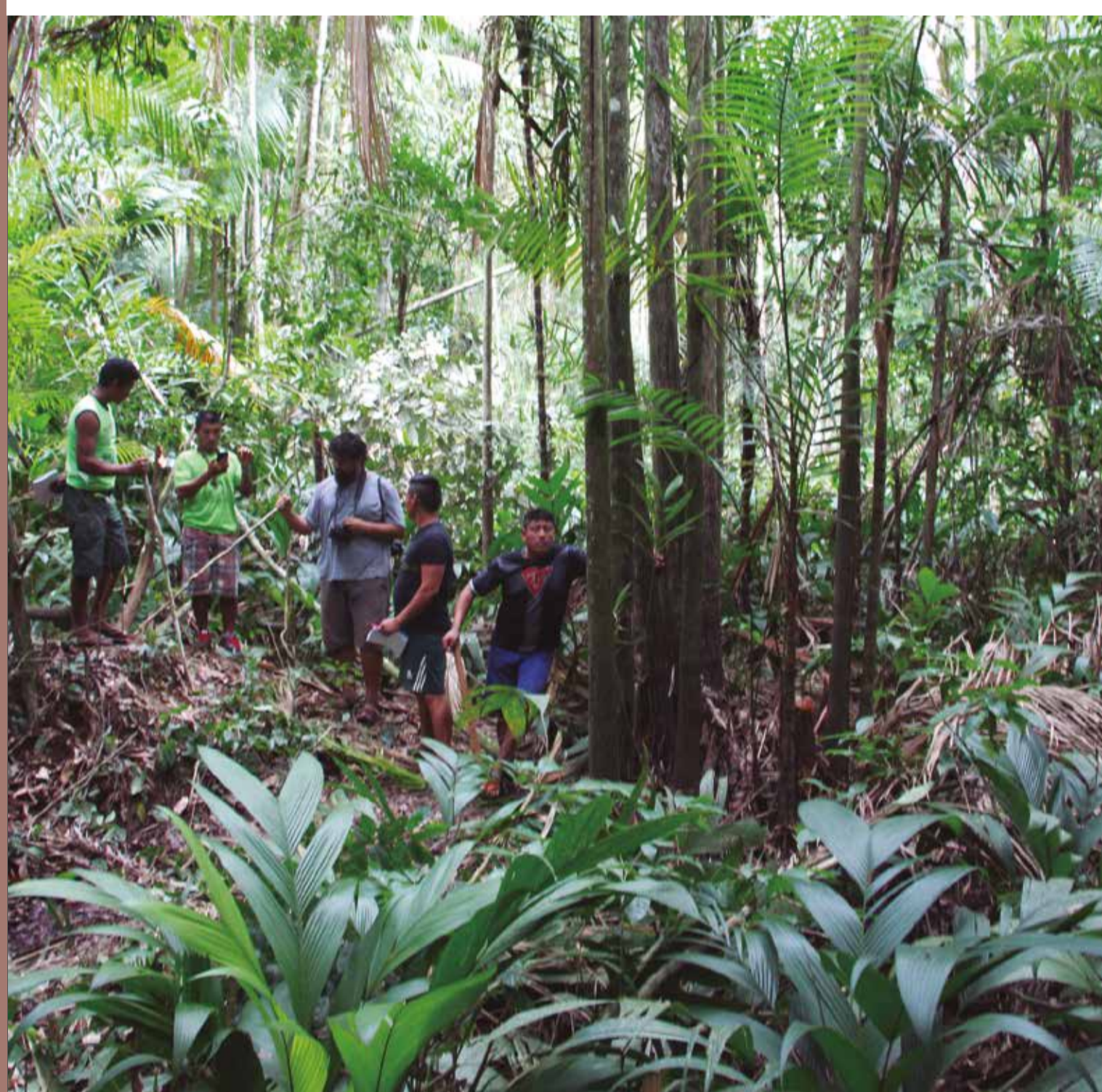
Lideranças e Jovens
participantes da formação
em Gestão Territorial e
Ambiental
Lado Leste

MANEJO E USO SUSTENTÁVEL DE RECURSOS NATURAIS

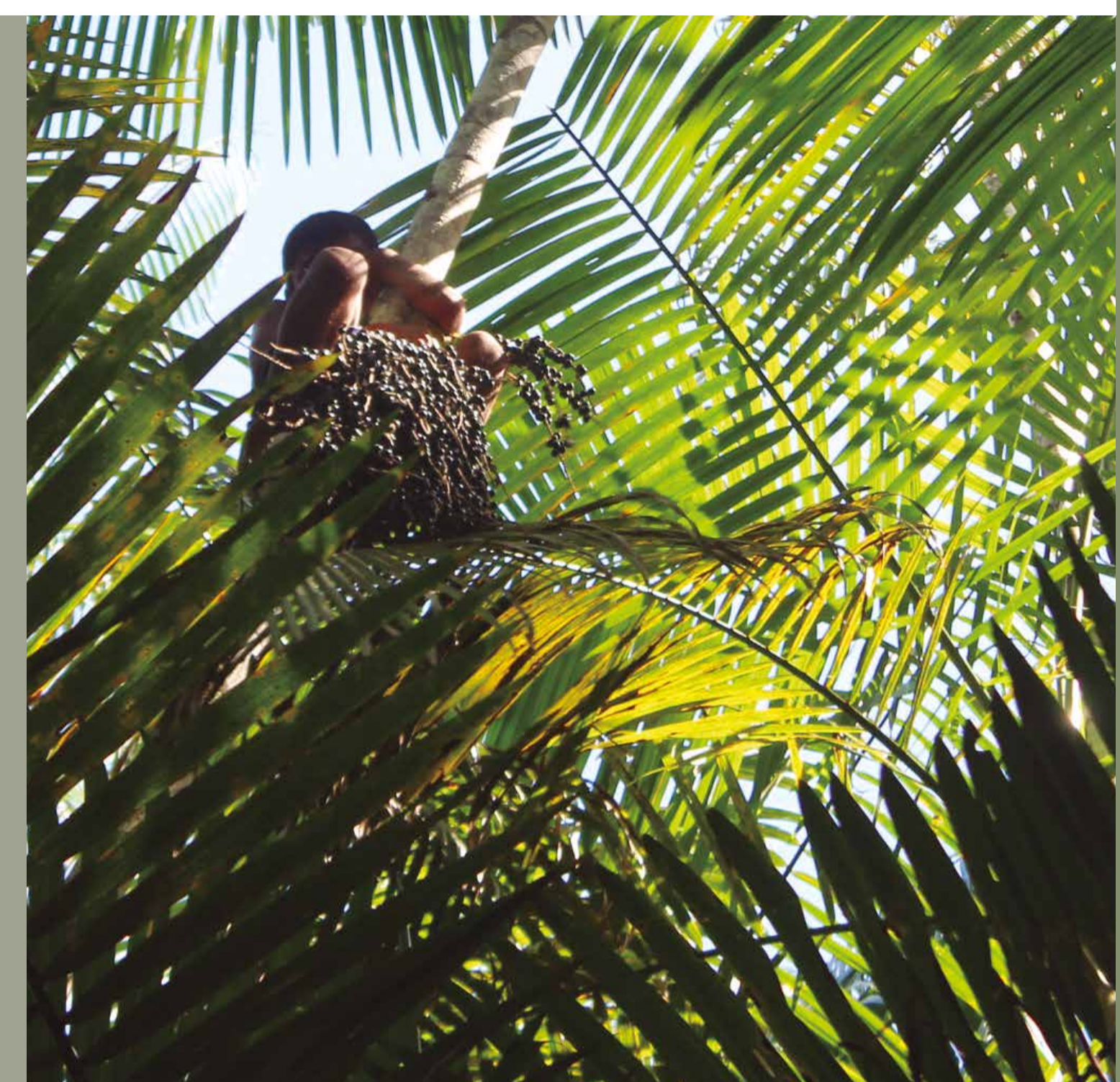
A demarcação das terras indígenas é um direito fundamental conquistado, mas que modifica os padrões de ocupação tradicionais, pois agora as nossas terras indígenas são circundadas por áreas de proteção integral. Assim, as possibilidades de mudança de locais agora são restritas, fazendo com que novas alternativas tenham que ser encontradas nessa configuração limitada de terras.

É nesse sentido que diversas práticas de manejo têm sido conduzidas nessas terras indígenas, como pode ser acompanhado a seguir. Com a colaboração do Iepé e da Funai, estamos produzindo livros que contem das nossas experiências com Roças e com Mel.

BOAS PRÁTICAS DE MANEJO DE RECURSOS NATURAIS



No início da implementação do nosso PGTA, cada aldeia escolheu as atividades para as quais gostaria de ter apoio, e uma delas foi o fortalecimento das boas práticas no manejo de recursos naturais, principalmente do açaí, bacaba e banana, copaíba, dentre outros. Para tanto, contamos com Assistência Técnica, oficinas de manejo e alguns representantes de nossas comunidades locais participaram de intercâmbios para novos aprendizados e trocas de experiências.



MELHORIA NA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS



No âmbito desse apoio foram implantados Sistemas Agroflorestais (SAF's) voltados à diversificação da produção dos quintais (incentivo ao plantio de frutíferas), bem como ao melhor aproveitamento de manejo das roças. Para tanto foram adquiridos equipamentos e acessórios (usados para manutenção dos SAF's, com aproveitamento de galhos das plantas, realização de podas, controle de ervas nativas, etc).

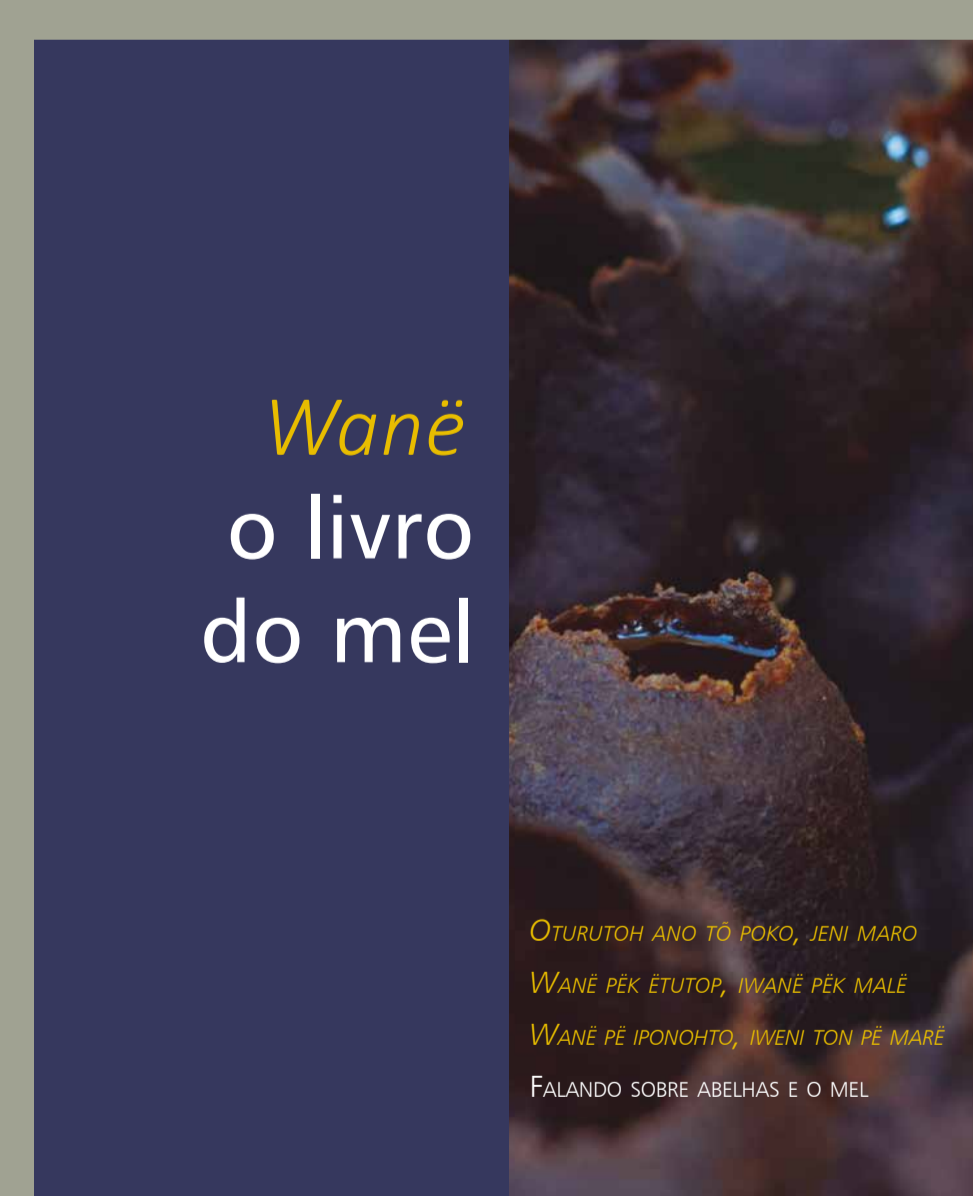


MELHORIA DA ATIVIDADE DE APICULTURA E MELIPONICULTURA



Investimentos na melhoria da apicultura e incentivo à meliponicultura foram feitos nas Aldeia Jaherai e Bona, na região Leste do Tumucumaque e na aldeia de Santo Antônio no lado Oeste, além de realizadas oficinas e troca de saberes em 26 aldeias para apoio às iniciativas locais.

No lado oeste, a aldeia de Santo Antônio, construiu, até este momento, 43 caixas de criação racional de abelhas *Apis melífera* e um posto de mel comunitário, para beneficiamento primário da produção de mel e própolis, e também um estudo de caso sobre a cadeia produtiva do mel (subprodutos e comercialização) como possível fundo rotativo para a comunidade.



FORMAÇÃO DE JOVENS

Desde 2016, temos participado da Formação de Jovens e Lideranças em gestão Territorial e Ambiental, conduzida pelo Iepé, em parceria com nossas associações APIWA e APITIKATXI, apoio da Funai e recursos do Fundo Amazônia/BNDES. Ao longo dos sete módulos presenciais realizados nesses anos, tratamos de temas como Direitos Indígenas e Indigenistas, Proteção Territorial, Associativismo, Elaboração e Gestão de Projetos, Políticas Culturais, Sistemas de Conhecimentos, Modelagem Sistêmica, Agroecologia, Manejo e Uso Sustentável de Recursos. Além de módulos semestrais, também realizamos diversas atividades práticas de manejo ao longo do ano e pudemos participar de intercâmbios para conhecer outras iniciativas, tanto indígenas quanto não-indígenas.

JOVENS E LIDERANÇAS DO TUMUCUMAQUE OESTE E LESTE EM FORMAÇÃO



Formandos e lideranças de cada um dos lados do Complexo Tumucumaque puderam visitar e acompanhar atividades no outro lado de suas terras indígenas, compartilhando suas experiências e pensando em conjunto sobre questões, como o desenvolvimento de seu Protocolo de Consulta.



INTERCÂMBIO NO OIAPOQUE



Formandos do oeste e leste puderam conhecer os AGAMIN - Agentes Ambientais Indígenas do Oiapoque, jovens e lideranças que, como eles, têm desenvolvido atividades de gestão ambiental e territorial. Especial destaque para o manejo de açaí e as experiências de apicultura e meliponicultura.



INTERCÂMBIO NO XINGU



Nas comemorações dos 10 anos da Rede de Sementes do Xingu, representantes das TIs Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este foram convidados a trocar experiências sobre conservação de sementes nativas, coleta, beneficiamento e preparo de sementes para o plantio e sobre comércio justo.



INTERCÂMBIO DIÁLOGOS AGROECOLÓGICOS NA EMBRAPA



9ª Curso Diálogos Agroecológicos na EMBRAPA na unidade Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia – Cenargen. Tema: sistemas agroflorestais e conservação de biodiversidade. Nas palavras de Cecília Awaeko Apalai: "Para os jovens, é importante que conheçam e melhorem a segurança alimentar. A gente vem procurando parceiros para melhorar agricultura, pois estamos preocupados com as mudanças."



ENCONTRO REGIONAL DE MULHERES INDÍGENAS NA TI WAJĀPI

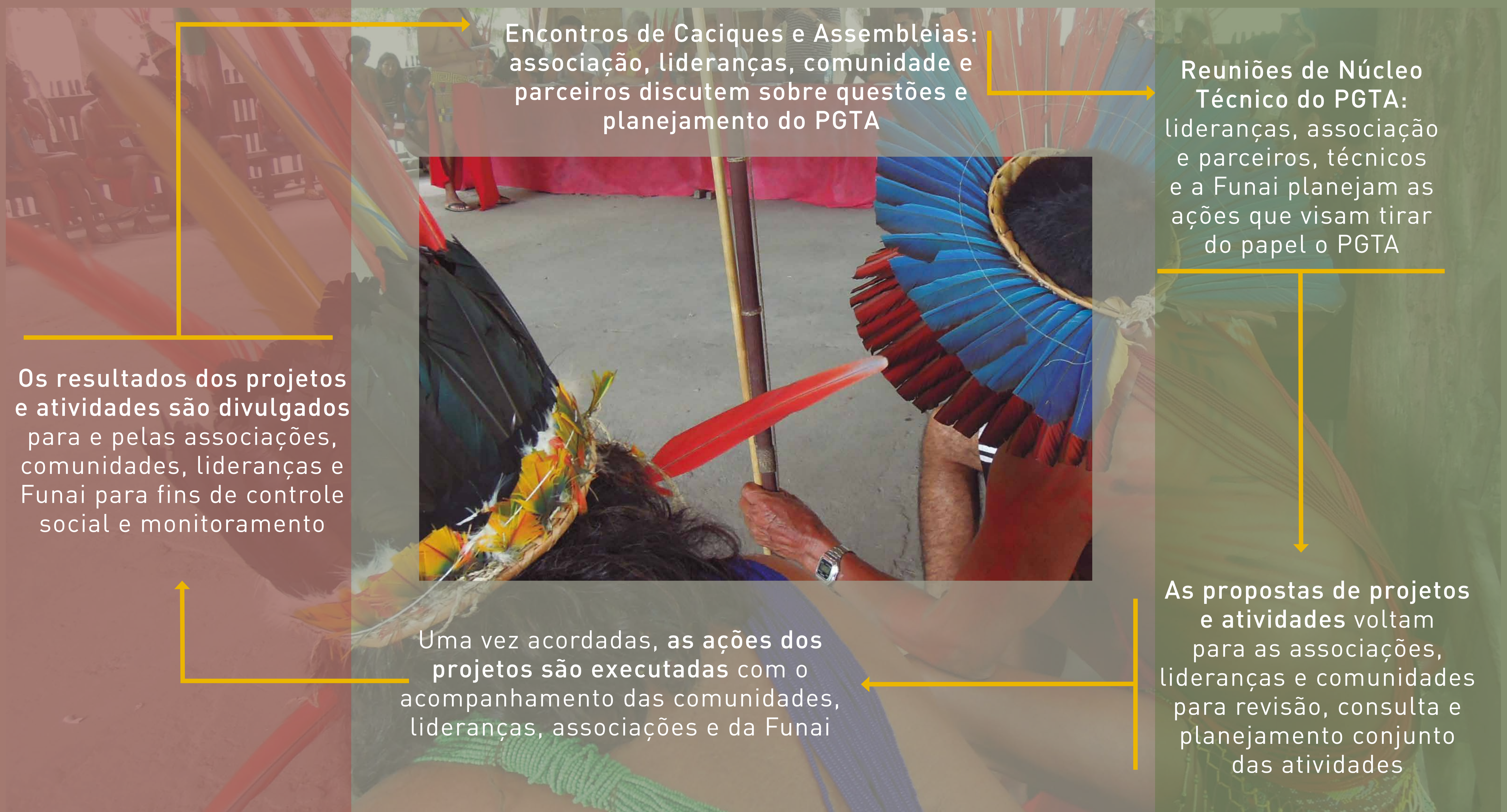


Mulheres Wayana, Aparai, Tiriyo, Katxuyana e Txikiyana encontraram mulheres indígenas de diversos outros povos, como Wajāpi, Galibi, Galibi Marworno, Karipuna, Palikur, Kayabi, Wapishana, dentre outras, vinculadas a organizações indígenas integrantes da RCA (Rede de Cooperação Amazônica). Debateram suas práticas de agricultura e de resguardos, além de discutirem a conjuntura política atual e compartilharem momentos de danças, cantos, artes manuais e pinturas corporais.



GOVERNANÇA

Ao longo dos últimos 10 anos, os caciques (donos de aldeia) e associações indígenas do Tumucumaque Leste e Oeste vêm destacando a palavra “união”, seja para si mesmos, seja para os parceiros governamentais e não governamentais que ali atuam, como a chave para que seus problemas e demandas sejam efetivamente resolvidos. “Ninguém consegue nada sozinho”, essa parece ser a lição aprendida de anos de demandas não atendidas, e recentes conquistas, por meio da articulação e a soma de esforços entre parceiros indígenas e não indígenas, governamentais e não-governamentais. Enquanto exemplo do que ocorreu ao longo da última década no processo de crescente articulação dos caciques (donos de aldeia) entre si, e destes com suas Associações representativas (APITIKATXI e APIWA) e parceiros, temos a elaboração e validação do presente PGTA. Garantir a boa governança na implementação do mesmo implica na seguinte estratégia de monitoramento:



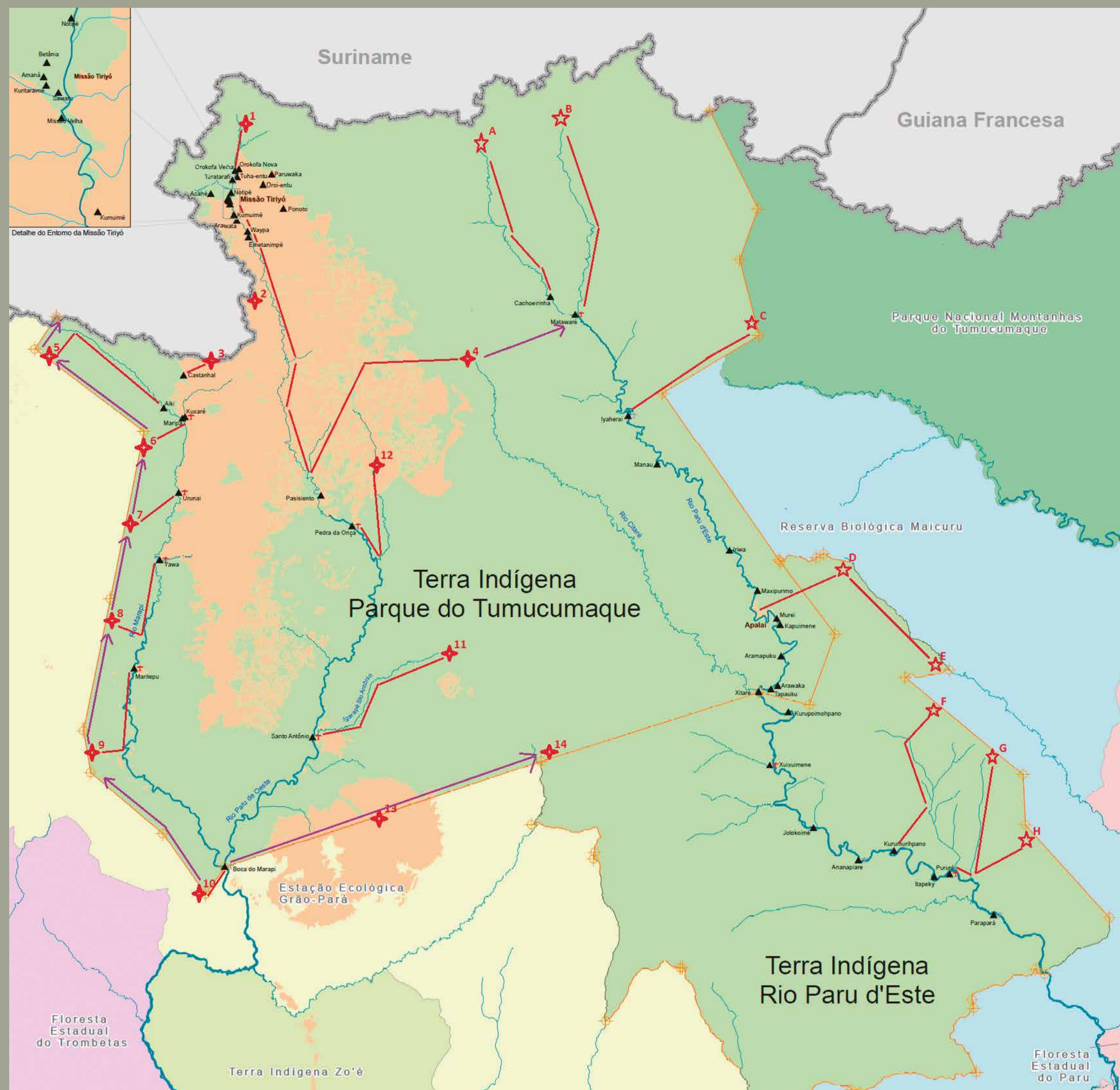
Nossa autonomia é muito importante em nossas lutas, e conhecemos nossos direitos que estão na Constituição Federal de 1988 e na Convenção 169 da OIT, ratificada no Brasil pelo Decreto Presidencial 5.5051 (junho de 2004). Neste sentido, tem sido muito importante para nossa governança o processo da elaboração de nosso Protocolo de Consulta, que contempla ambas regiões de nossas terras indígenas. Já vivemos muitas histórias de promessas que não foram cumpridas e sabemos que a lei obriga o governo a nos consultar, perguntar antes de decidir sobre qualquer projeto que tenha impacto nas nossas terras ou nos nossos direitos.

Protocolo de Consulta e PGTA são duas ferramentas muito importantes para vivermos bem em nossas terras demarcadas.



PROTEÇÃO TERRITORIAL

Homologação da Terra Indígena Parque do Tumucumaque (Decreto s/n – 04/11/1997)



Homologação da Terra Indígena Rio Paru d'Este (Decreto s/n – 04/11/1997)

Em nosso Plano de Gestão, destacamos que: “Para que um trabalho de proteção territorial frutifique, é necessário que haja mobilização, comunicação e mobilidade entre as comunidades e entre as Terras Indígenas e os órgãos competentes pela fiscalização e proteção territorial: Funai, Polícia Federal, Forças Armadas e MPF. Diante da ameaça constante de invasão por garimpeiros e do desconhecimento da área total e dos limites das terras indígenas por seus habitantes, tornou-se fundamental implementar um trabalho que garanta a integridade física do território protegido”.

Após 4 anos do início da implementação de nosso PGTA, vemos a importância que essas articulações têm tido. Destacamos as seguintes atividades, realizadas por meio da parceria de nossas associações APITIKATXI e APIWA com Funai e Iepé.

- Aldeia Central
- Aldeia
- Aldeia com Aeroporto
- Aldeia com Aeroporto em construção
- Marco Demarcatório
- Fronteira internacional
- Estação Ecológica Grão-Pará
- Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque
- Reserva Biológica Maicuru
- Floresta Estadual do Paru
- Floresta Estadual do Trombetas

Vegetação

- Cerrado

PARU OESTE

POSTO /kanpu rito	ALDEIA
1 – Nascente Paru	Paparampê
2 – Fronteira	Turunkane
3- Fronteira	Castanhah
4 – Nascente Xitaré	Missão
5 – Nascente Marapi	Aiki
6 – Marco	Kuxaré
7 – Divisa UC	Yawa
8 – Divisa UC	Ururui
9- Divisa UC	Maritepu
10 – Foz Marapi	Boca do Marapi
11- Nascente Igarapé	Santo Antonio
12 – Igarapé 15	Pedra da Onça
13 – Divisa sul Cerrado	Grupo de várias aldeias
14 – Linha sul nascente	Grupos de várias aldeias

Expedições a partir de abril/2018

Expedições a partir de abril/2019

PARU D'ESTE

POSTO	ALDEIA
A – Cabeceira do Paru	Cachoeirinha, Mataware, Iaheral, Manau,
B – Cabeceira do Matawaré	Taunumai.
C – limite Montanhas do Tumucumaque	Jaheray
D – Nascente do Ipitinga	Bona, Murei, Maxipurimo, Kurieukuru, Aramapuku, Arawaka, Tyryyman, Xitare Tary e Tapaaku
E – Alto rio Ipitinga, via Igarapé Tawaeukuru	Kurumurihpano
F – Divisa leste pelo Igarapé Opohpo	Parapara, Purure, Itapeky, Kurumurihpano, Xuixulimene.
G – Cabeceira do Mopeku	
H – Foz do Mopeku	

ELABORAÇÃO DE UM PLANO INTEGRADO DE VIGILÂNCIA



CUIDANDO DO NOSSO

BEM VIVER

PROTEÇÃO TERRITORIAL

EXPEDIÇÕES DE MONITORAMENTO TERRITORIAL E AMBIENTAL

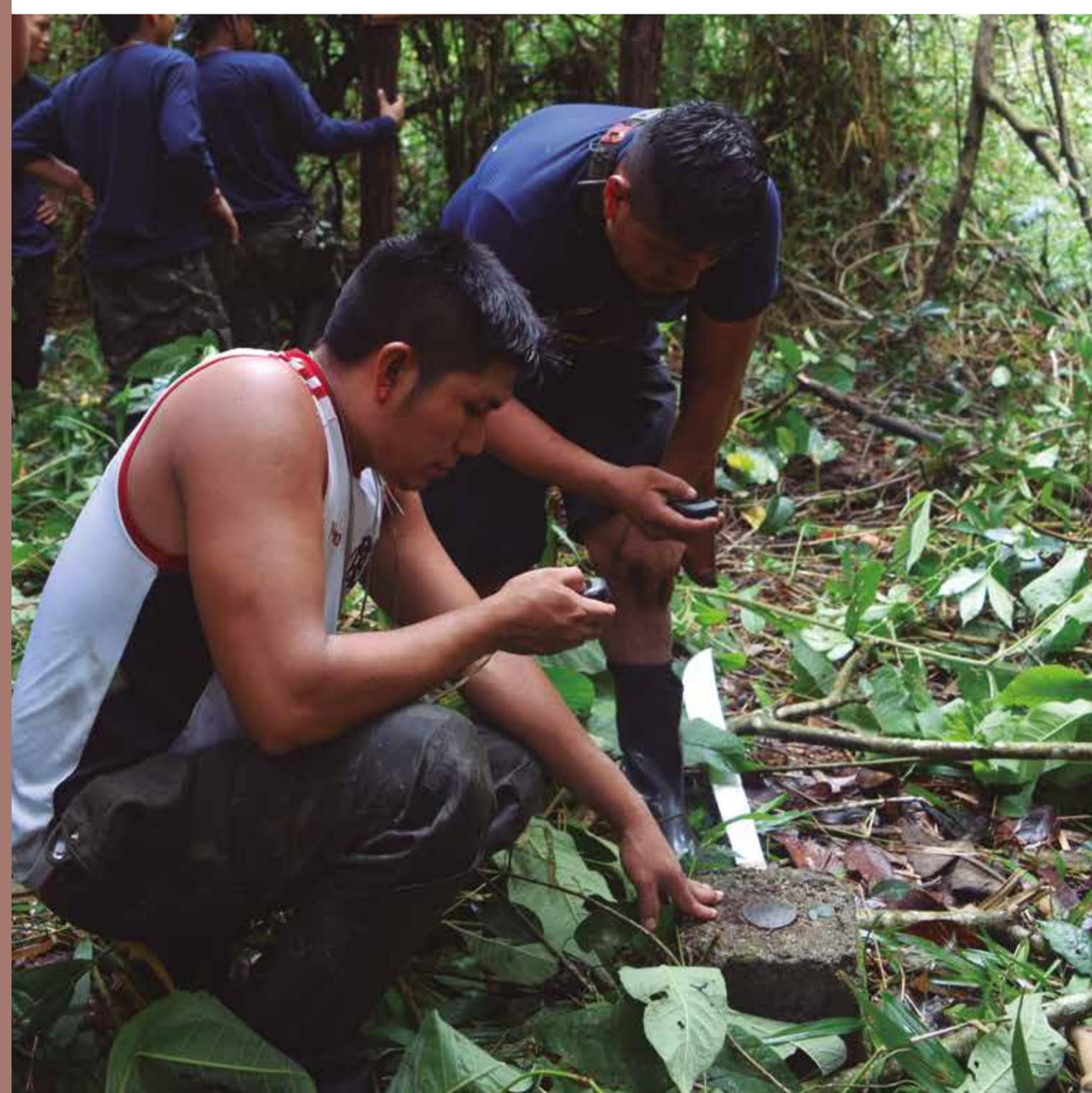


Parcerias inéditas permitiram a realização de um ambicioso processo de capacitação em vigilância e monitoramento territorial e ambiental nas TIs do complexo de Áreas Protegidas do Escudo das Guianas.

Nos últimos dois anos, entre reuniões da análise de mapas e imagens de satélite, oficinas para uso de GPS, expedições por água, por terra e por ar, a Funai pode atuar em 14 aldeias dos indígenas Apalaí, Wayana e Tiriyó, percorrendo cerca de 500 quilômetros pelos rios da região e mais de 400 km a pé, por trilhas abertas pela densa floresta amazônica. Foram 12 servidores da Funai envolvidos, 4 técnicos do Instituto Florestal do estado do Pará, quatro indigenistas do Iepé e cerca de 250 indígenas envolvidos direta e indiretamente com esse projeto.

Entre nossos principais objetivos, destacamos o incentivo ao conhecimento e à exploração do território, marcado pela abundância e fartura de alimentos, rios, plantas, peixes e animais, e o registro dessas atividades, com o uso de GPS, máquinas fotográficas e filmadoras.

LOCALIZANDO MARCOS GEODÉSICOS



Um dos objetivos das expedições de monitoramento territorial e ambiental foi a localização de marcos geodésicos e a substituição de placas de sinalização da Funai, fixados há mais de 3 décadas. Foram 6 marcos localizados e 9 placas substituídas e/ou fixadas.



CONSTRUÇÃO DE POSTOS DE VIGILÂNCIA

Para facilitar trabalhos de monitoramento territorial e ambiental em atividades futuras, foram construídos postos de vigilância nas extremidades do território indígena. Nas regiões visitadas, foram feitas aberturas na mata nas quais foram construídas casas de apoio e plantadas variedades de espécies comestíveis.

No posto construído no limite sudeste da TI Rio Paru d'Este, divisa da TI com a Rebio Mai-curu, contamos com o acompanhamento do gestor dessa unidade de conservação do Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará - Ideflor-bio.



CUIDANDO DO NOSSO

BEM VIVER

PROTEÇÃO TERRITORIAL

QUESTÕES DE AUTONOMIA

Outrora, os povos do Tumucumaque ocupavam um território muito maior do que os limites físicos das Terras Indígenas oficiais a eles delimitadas. Sua história, tal como registrada pelos não indígenas, nos informam que eles viveram, ao longo do século XX, um amplo processo de concentração populacional e dependência de agências assistencialistas estatais ou religiosas. Hoje dependem exclusivamente de pequenas e perigosas aeronaves para fazerem seus deslocamentos para os centros urbanos do entorno, onde fazem exames médicos e adquirem produtos industrializados básicos.



Com a participação nessas expedições de monitoramento territorial e ambiental, muitas comunidades sentiram-se estimuladas a enfrentar esse isolamento territorial que vivem. Para isso, será preciso novas parcerias, tempo e dedicação para retomarem os caminhos dos antepassados e reapropriarem-se das rotas de navegação pelos rios que desaguam nas cidades de Laranjal do Jari e Almeirim. Há muitos desafios pela frente.

GARIMPO ILEGALE CONTAMINAÇÃO DO MEIO AMBIENTE



Emoção e tristeza tomam conta da equipe ao localizar dois importantes cursos d'água, poluídos por dejetos de garimpos ilegais de ouro na Rebio Maicuru: o rio Mopeku, limítrofe entre a TI Paru d'Este e a Rebio, desaguando no rio Paru cerca de 20 km a montante do limite da TI, e o rio Kurukau, que encontra o rio Paru dentro da Rebio, a 17 km do limite entre as duas unidades de conservação. Os afluentes desses rios são provenientes de regiões de garimpo, carregados de dejetos e sedimentos contaminados.



MATA ADENTRO



PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES



Nos últimos anos, as mulheres indígenas do Tumucumaque têm procurado se articular e desenvolver projetos de seus interesses. Elas também têm se reunido entre si e participado de encontros regionais com mulheres de outros povos. Muito motivadas a trabalhar em prol do fortalecimento e da valorização cultural, especialmente em atividades que envolvam os conhecimentos da produção de diversos artefatos, as mulheres também reivindicam seu espaço em reuniões políticas.

As mulheres do Tumucumaque em geral entendem que têm um papel fundamental em relação à alimentação de seus familiares, desde o plantio na roça ou coleta na floresta, até a elaboração da culinária. Isso implica tanto no reconhecimento de seu papel em relação ao manejo de recursos, quanto no fortalecimento de sua cultura e na influência que a alimentação tradicional tem na saúde das pessoas.

Essas articulações estão iniciando seus primeiros projetos no âmbito da implementação deste PGTA.

Cultura: apoio para a realização de atividades relacionadas ao artesanato, contando com os conhecimentos das mulheres mais velhas para ensinar às mais jovens. No lado Oeste, há especial interesse para o uso e atividades com miçangas, mas as mulheres também querem desenvolver atividades de corte e costura para que possam fazer suas próprias roupas e de seus familiares. Já no lado Leste, as oficinas de cerâmica procuram fortalecer e valorizar essa arte.

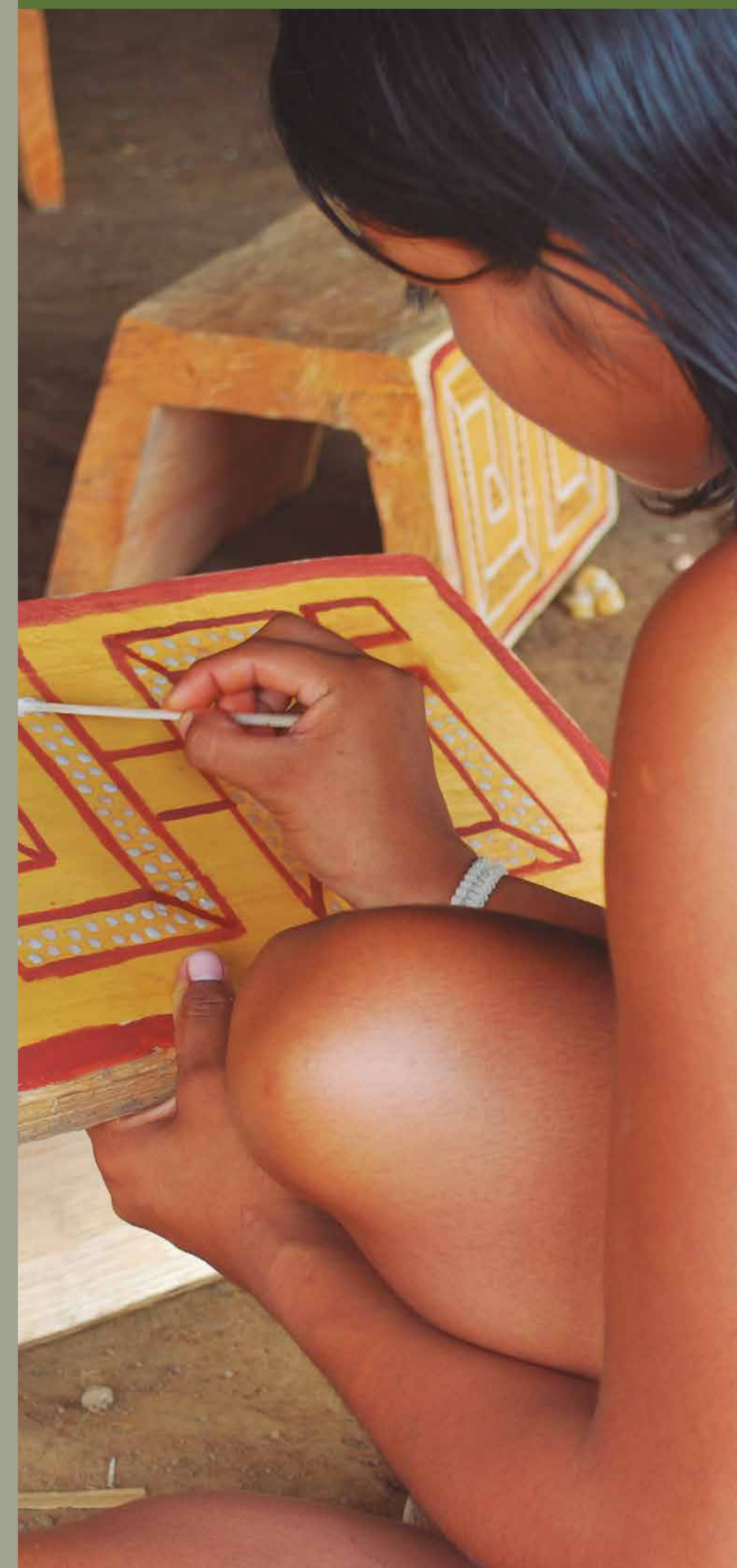
Governança: que as mulheres tenham maior participação nos espaços políticos, com articulação e encontros próprios.

Território: as mulheres querem participar das expedições de reavivamento dos limites de sua terra.

Manejo: a participação das mulheres nas atividades relacionadas às roças e às áreas de coleta de espécies vegetais é fundamental.

Saúde: as reivindicações das mulheres incluem tanto melhor estrutura nos postos de saúde quanto apoio para as parteiras.

Educação: as mulheres entendem que precisam estar cada vez mais engajadas nos processos de educação escolar, participando de reuniões e eventos na escola, assim como nos ensinamentos dados em suas próprias famílias.



No lado leste, as mulheres estão organizadas na AMIWA – Articulação das Mulheres Indígenas Wayana e Aparai; e os jovens estão começando a mobilizar-se numa articulação também.



No lado oeste, as mulheres estão organizadas na AMITIKATXI – Articulação das Mulheres Indígenas Tiriyo, Katxuyana e Txikiyana; e os jovens na KİYAMÜNKE – Articulação dos Jovens Tiriyo, Katxuyana e Txikiyana.



NOSSAS ORGANIZAÇÕES

Eu ouvi falar de associação como o nome de uma pessoa. Mas aprendi que associação é como um talo de arumã: se não trabalhar, é só um talo de arumã. Mas, trabalhando com ele, pode virar cesto, jamanxim...

Para nos relacionarmos com as políticas dos karaiwa (não-indígenas), temos nossas associações indígenas, a APITIKATXI (Associação dos Povos Indígenas Tiriyo, Katxuyana e Txikiyana) e a APIWA (Associação dos Povos Indígenas Wayana e Aparai). A APITIKATXI representa as aldeias localizadas no lado oeste de nossas terras indígenas, e a APIWA, as aldeias do lado leste.

Nossas associações não tomam decisões sozinhas: elas são como porta-vozes de nossos caciques e lideranças que estão nas terras indígenas. No lado oeste, temos o CCLTKT - Conselho de Caciques e Lideranças Tiriyo, Katxuyana e Txikiyana. É nos momentos de assembleia que caciques e lideranças de todas as aldeias reúnem-se para trazer para as associações suas demandas e aconselhamentos, e também para ouvir o que as associações têm feito nas articulações com os karaiwa.

Também estamos ligados a âmbitos mais amplos do movimento indígena, pois APIWA e APITIKATXI articulam-se com APOIANP - Articulação dos Povos Indígenas do Amapá e Norte do Pará, com a COIAB - Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira, e APIB - Articulação dos Povos Indígenas do Brasil.



Fundação da AMITIKATXI Articulação das Mulheres Indígenas Tiriyo, Katxuyana e Txikiyana.



Fundação da APITIKATXI Associação dos Povos Indígenas Tiriyo, Kaxuyana e Txikuyana, em 24 de outubro de 2004



Fundação da AMIWA Articulação das Mulheres Indígenas Wayana e Aparai.



Fundação da APIWA Associação dos Povos Indígenas Wayana e Aparai, em 29 de outubro de 2010